REVISTA DA FUNDARTE
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



A DESOBEDIÊNCIA COMUNAL ENTRE ARTE, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO

COMMUNAL DISOBEDIENCE BETWEEN ART, PHILOSOPHY AND EDUCATION

Leonardo Marques Kussler

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, Osório/RS, Brasil

Resumo: No presente artigo, discuto acerca do *comum* em sua relação com filosofia, arte e educação. Para isso, na primeira seção, tento mostrar que o conceito de desobediência vai muito mais além do que uma mera contestação às leis vigentes, podendo ser compreendida, de forma mais ampla, como um *modus existendi* crítico e comunitário. Na segunda seção, adenso a discussão acerca do comum enquanto fundamento *relacional* e relato algumas atividades que realizei em um projeto de pesquisa nas áreas de Educação e Artes. Por fim, defendo a hipótese de que é possível praticar a desobediência a partir de um tipo de *performance filosófica*, que une sujeitos e distancia-se do individualismo digital contemporâneo.

Palavras-chave: Desobediência. Filosofia performática. Filosofia do comum. Arte e Educação.

Abstract: In this article, I discuss the *common* in its relationship with philosophy, art and education. To this end, in the first section, I try to show that the concept of disobedience goes much further than a mere challenge to current laws, and can be understood, more broadly, as a critical and community *modus existendi*. In the second section, I deepen the discussion about the common as a *relational* foundation and report some activities I carried out in a research project in the areas of Education and Arts. Finally, I defend the hypothesis that it is possible to practice disobedience based on a type of *philosophical performance*, which unites subjects and distances itself from contemporary digital individualism.

Keywords: Disobedience. Performative philosophy. Philosophy of the common. Art and Education.

1 INTRODUÇÃO

O tema do *comum* não é tão comum assim quanto parece, gerando incongruências conceituais acerca dos significados mais óbvios da palavra e na noção que parte da compreensão básica do comum como algo que *pertence* a muitas pessoas. Uma inconsistência de compreensão também ocorre quando entramos em contato com o termo *desobediência*, que normalmente nos leva a pensar em atividades violentas e de contestação direta de leis. É partindo desses dois pressupostos que limitam esses conceitos que proponho mostrar a relação destes pondo em diálogo Filosofia, Artes e Educação.



Na primeira seção, busco desconstruir a noção de que desobedecer é simplesmente se opor à norma, fazendo um sobrevoo conceitual a partir de referenciais como Henry D. Thoreau e a dimensão da *desobediência civil* em busca de uma vida frugal, Michel Foucault e a análise da sociedade disciplinar, do controle dos corpos e dos mecanismos de poder que geram contracondutas. Posteriormente, mostro como a desobediência pode ser tomada como um posicionamento crítico e tolerante com relação ao mundo e aos outros, conjecturando que, em aliança com a arte, é mais fácil para o discurso filosófico se dizer e *comun*icar um comum e juntar pessoas em prol de um mesmo horizonte existencial. Por fim, a partir de Byung-Chul Han, teço uma crítica sobre o cenário atual da sociedade do cansaço e da hiperprodutividade e hiperindividualista, apontando brevemente que uma alternativa seria uma retomada de um modo de vida mais ritualístico e demorado.

Na segunda seção, apresento uma relação mais direta entre filosofia, arte e educação, cujo foco gira em torno de *experiências comuns*. Abordo, para tal, atores(as) como Marina Garcés, que é uma das referências no que tange aos estudos do comum na Filosofia e que permite pensar o comum como *princípio de coimplicação*, que se coloca como contraconduta ao modo de ser individualista próprio do capitalismo neoliberal. É nesse sentido que mostro o que Arturo Escobar reflete ao discutir sobre o *design comunal*, que aborda arte, filosofia e design a partir de um viés de[s]colonial. Posteriormente, falo de minha experiência em um projeto de pesquisa desenvolvido a partir desses moldes e relato algumas atividades de extensão promovidas a partir disso no que convencionei chamar de *performance filosófica*. Essa proposta permite que sejam relacionadas as três áreas do saber (Filosofia, Artes e Educação) de uma maneira interessante e bastante simples, concentrando-se especialmente em *atividades presenciais coletivas*, que entendo por *desacelerações que agregam pessoas*.

2 DESOBEDECER NÃO É SIMPLESMENTE OPOR-SE À NORMA: A POSSIBILIDADE DE UM *COMUM* A PARTIR DA DESOBEDIÊNCIA

Comumente, quando ouvimos falar da palavra *desobediência*, tendemos a pensar em algo que dá ação ao substantivo e indica, na forma verbal, uma *recusa em acatar ordens*, isto é, *desobedecer*. Há, também, uma conotação negativa ligada



à desobediência, visto que aprendemos desde cedo — em casa, nas escolas, no trabalho — que a ordem é um aspecto positivo. Não é à toa que os gregos chamavam de κόσμος [kósmos] o universo organizado, ordenado e harmonizado no qual habitamos, em oposição ao χάος [cháos], o elemento caótico e vazio que antecederia o cosmos e toda forma de ordenação.

Na *Teogonia* de Hesíodo (2006), que propõe uma cosmogonia, *Caos* é tanto um *ser/personagem* que surge ou passa a existir antes de tudo e todos, mas também é um *local* a partir do qual tudo e todos os demais passam a existir. Assim, pela lógica mitológica, é da instância caótica e desorganizada que surge a possibilidade de outros seres e modos de vida, e a cosmogonia brasileira ameríndia corrobora tal narrativa. A mitologia tupi-guarani, por sua vez, aponta *Ñande Ru Tenondé* [nosso primeiro pai], ser criado a partir de uma substância primordial e criador de tudo e todos a partir de um monte na atual região do Paraguai (CADOGAN, 1953).

Ainda sobre a ação de desobedecer, outro ponto que normalmente relacionamos é o de *desobediência civil*, especialmente a partir da obra de Henry D. Thoreau (1966). Em *Desobediência civil*, o autor nos conta, em uma narrativa autobiográfica, do caso em que é preso por se negar a pagar impostos que financiavam a guerra dos EUA contra o México, em meados do séc. XIX. Por seu caráter anarquista, a obra apresenta a postura de encontrar uma brecha legal para se opor a um projeto militar de anexação de um território estrangeiro.[1] Já em *Walden*, Thoreau busca um modo de desobediência que não é simplesmente civil, mas se coloca enquanto exercício existencial, uma prática, um *modo de vida desobediente* que consiste em se mudar para uma pequena área de terra próxima a um lago e viver de forma frugal. A crítica é relativa ao modo de vida dito *obediente* e *ordenado* do mundo capitalista e industrializado de sua época, na tentativa de viver de um

[1] Renasce, aqui, uma espécie de *conflito antigonal*, isto é, um tipo de situação similar ao que ocorre à personagem da tragédia *Antígona*, de Sófocles (1999), em que a personagem homônima busca equacionar seu direito de enterrar um irmão (lei divina) com a proibição de tal ato pelo Estado (lei humana), visto que o irmão havia lutado pelo exército inimigo. A disputa faz com que Antígona tente enterrar seu irmão colocando um pouco de terra diariamente, evitando ser presa por não estar, de fato, enterrando, mas também cumprindo, de certo modo, sua vontade em não deixar o corpo do irmão insepulto (KUSSLER; PINTO, 2015).



modo do que hoje se conhece por *minimalismo* — viver com o mínimo necessário retornando à *simplicidade*.

Outro modo de pensar a desobediência é partir do conceito de *obediência*, e um autor que fez isso magistralmente foi Michel Foucault. Gostaria de retomar, rapidamente, ideias principais de três de suas obras, a saber, *Vigiar e punir*, *Segurança, território, população* e *Nascimento da biopolítica*. Na primeira obra, o autor dá continuidade à sua pesquisa sobre a *sociedade disciplinar*, passando do âmbito das pessoas enclausuradas nos manicômios àquelas encarceradas em prisões; trata-se de uma perspectiva do controle dos corpos e de um jogo de poder muito direto (FOUCAULT, 1999). No que tange à educação, a relação é bem próxima, pois, infelizmente, muito da lógica exacerbadamente disciplinar do sistema prisional está presente em uma sala de aula tradicional, com separação de grupos, matérias a serem estudadas sob o nome de *disciplinas*, horários rígidos, espaços milimetricamente pensados para a eficiência etc.

Na segunda obra, o tema da obediência é ainda mais óbvio, pois a ideia é tentar mostrar como o controle se apresenta na lógica da *segurança* do Estado por meio dos *mecanismos de biopoder*. Tais meios se desdobram em formas pelas quais os governantes passam a organizar e impor ordens diversas ao que compreendiam como o *caos social* da época, incluindo a separação de doentes e a punição por crimes. A noção de cidade, tal como a modernidade a compreende, passa a ser pensada como algo que segrega, divide por partes, organiza por classes sociais e por oportunidades de ocupar [ou não] um determinado espaço, visto que um conjunto de indivíduos vistos como *população* passa a ser mera estatística[2]. Contudo, tais modos de controle social incitam movimentos de resistência e de

[2] Uma questão interessante e muito atual acerca da ocupação de espaços urbanos tem a ver com a forma como as cidades são constituídas e projetadas atualmente. Há poucas décadas que começaram a aparecer os primeiros estudos que analisam criticamente as obras do que se convencionou chamar de *arquitetura hostil*, que nada mais é que um modo de construir objetos e dispositivos que impedem que determinadas pessoas ocupem/existam em determinado espaço. Podemos pensar, aqui, nas pedras pontiagudas embaixo de viadutos, nos pinos de metal nas janelas de lojas ou nas barras de ferro em meio aos poucos bancos de praça que ainda restam nas cidades — tudo pensado para que pessoas não sentem, deitem ou permaneçam naquele local (KUSSLER, 2021).



desobediência, *contracondutas* que funcionam como tensionamento e contrapeso à lógica da obediência (FOUCAULT, 2008a).

Na terceira e última obra aqui apontada, Foucault (2008b) aborda, de um modo ainda mais sutil, os modos de *governamentalidade*, que são as formas e técnicas pelas quais os governantes exercem poder e sua *biopolítica* especialmente a partir dos sécs. XVIII e XIX. Aqui, o viés é mais *econômico*, dado que os seres governados são vistos não apenas como estatística, mas a partir de *taxas de* [higiene, natalidade, longevidade], que permitem que se faça *biopolítica*, ou seja, o controle das vidas. Não casualmente, tal forma de governo surge aliada à visão do liberalismo clássico e do neoliberalismo norte-americano, que controla vidas pelo elemento da produtividade, competitividade — a visão de um Estado pouco participativo e com foco no *individualismo*.

Minha ideia ao trazer essas discussões é situar quem lê este texto sobre em que medida é possível pensar a *desobediência* para além do senso comum, que entende que o termo se restringe a quebrar vidraças de instituições financeiras, organizar/participar de grandes manifestações, contestar políticas públicas desastrosas etc. Como bem mostra Frédérick Gros (2018), desobedecer é uma ação que parte de minha própria iniciativa; ninguém pode desobedecer em meu lugar. Desobedeço em relação a algo que considero *intolerável*, o que indica que desobedecer é uma forma de também nos afrontarmos contra intolerâncias. Não necessariamente uma desobediência precisa ser uma ação política direta, no sentido de ter uma efetividade e/ou um impacto prático e rápido no âmbito social. Desobedecer pode ser uma pequena dissidência, um pequeno desafinar de um coro de obediência cega, um ímpeto de criticidade.

De acordo com essa última perspectiva, proponho que se compreenda *desobediência* como fruto do *pensamento crítico*, da *obediência para consigo mesmo sob um princípio de tolerância basilar*. E o que isso significa? Bom, como minha formação é na Filosofia, em primeiro lugar, (1) o pensamento crítico é um dos pressupostos para se pensar a realidade de modo diferente para poder incidir e/ou agir sobre ela. Em segundo lugar, (2) *ser obediente consigo mesmo* pode soar como um hedonismo egocêntrico desenfreado — no sentido de *eu faço apenas o que*



gosto, independentemente de como isso possa afetar aos outros —, contudo, pondero um princípio de tolerância que me impede de agir sem deferência ao diferente. Em terceiro lugar, (3) ações desobedientes, dentro de uma sociedade, sempre são *desobediências sociais*, pois implicam, direta ou indiretamente, outras pessoas. Nesse sentido, desobediências podem ser compreendidas como ações um tanto caóticas que harmonizam um conjunto.[3]

Outro desdobramento atípico da desobediência surgiu de uma conversa informal com um colega professor na instituição na qual venho desenvolvendo a atual pesquisa. Enquanto eu explicava possibilidades de atividades do projeto, ouvi dele: *eu acho que a desobediência está nas pequenas coisas, nas micropolíticas*. Essa pequena frase despretensiosa foi o *insight* que eu precisava para perceber que ações mais simples e próximas das pessoas seriam mais viáveis e facilmente executadas, e isso não significaria *menos potência*. Nesse processo de redimensionamento da pesquisa, pensei na hipótese de que *desobediências podem ser desacelerações que juntam pessoas*; em outras palavras: *o comum pode ser desobediente*. Pode parecer contraditório, se pensarmos que a desobediência parece ser sempre um *destoar*, um *desalinhamento caótico*, mas, como tentei mostrar no parágrafo acima, desobedecer também pode ser um tipo de *exercício crítico que possibilita que pessoas estejam em um mesmo horizonte*.

Ainda dentro da proposta de que *desobediências são desacelerações que unem*, inspirado pelas ações desenvolvidas por minha supervisora — que tendem a propiciar atividades manuais e coletivas —, percebi que uma das respostas à minha problemática de pesquisa sobre *formas de vida desobedientes na sociedade de controle sutil* poderia estar em ações similares.[4] Por isso, a partir do mote das

[3] Metaforicamente, para quem gosta de música, trata-se de um uma nota desafinada em um solo de jazz que, inicialmente, pode soar estranho, mas tem o potencial de *deslocar o campo harmônico* de uma música. Lembro, aqui, dos solos de Paco de Lucía, na música *Mediterranean Sundance* — juntamente a John McLaughlin e Al Di Meola, em São Francisco, nos EUA, em 1981. Paco sai da tonalidade proposta diversas vezes pelo fato de não ser versado em teoria musical, mas sua *desobediência musical* compensa pela paixão, humanidade e virtuosismo colocadas na música, que, sem ele, soaria ordeira, correta e linear. O desafinar faz com que prestemos mais atenção à música, nos propicia um *estalo crítico* com relação aos seus próximos momentos, por assim dizer.

[4] O interesse e o convencimento de se pensar as coisas a partir do conceito de *comum*, em minha trajetória, veio pela instigação e pelos encontros do Grupo de Estudos do Comum, coordenado pela Profa. Carmen Lúcia Capra, da Uergs. O projeto de pesquisa *Arquivo e prática do comum: gerar o*



contracondutas e das *micropolíticas*, passei a me interessar e propor pequenas ações coletivas e presenciais, pois um dos objetivos da proposta é escapar do uso e do controle algorítmico das redes sociais e de atividades virtuais — e isso só é minimamente possível em atividades que prescindem do uso da internet e suas derivações.

Esse modo de pensar, por sinal, encaminhou a pesquisa para o contato com o *comum*, que está às voltas com a Filosofia, Artes e Educação há muito tempo. Como afirma Bramall (2020), pensar e fazer filosofia sempre se baseou em uma ideia de *formação de comunidade*. No entanto, parece que, ao longo dos séculos, nos esquecemos que, seja no Ocidente ou no Oriente, filósofos(as) sempre foram desobedientes, questionadores e marginalizados, o que propiciava que se vivesse em comunidades para que o *discurso filosófico* também fosse uma *vida filosófica*. Outro aspecto importante da *filosofia comunal* é ressaltado por Fulford (2020) especialmente quando a autora fala da ocorrência da filosofia fora do ambiente acadêmico, em espaços públicos, com pessoas que, por meio do diálogo, ajudam a *criar e negociar a comunidade*. Conforme Stern (2018), o próprio ensino pode ser compreendido como aprendizagem e cuidado, diálogo e *comunidade*, assim como afirma Capra (2023), ao argumentar sobre a necessidade de o ensino ser *vinculante*, isto é, *fundar um comum experimentado*, que é partilhado, *construído-com*.

Retomando a metáfora do início desta seção — dos princípios de *caos* e *cosmos* —, outro modo de compreender *comunidade* é entendê-la enquanto *acordo*, *harmonia*, e isso não significa um dogmatismo imutável ou anulação da própria identidade ou de desejos próprios, mas uma perspectiva de *fazer-com* ou *coexistir* em um mesmo ambiente, sob determinados valores que fazem sentido para um determinado grupo por um determinado período. Para Murphy (2014), a perspectiva *comunal* tem como fator principal a *participação*, a ação de várias partes, em que o envolvimento em torno de um projeto comum é o que faz com que se elimine o processo de alienação daquilo que se faz; *a perspectiva comunal aproxima o quem daquilo que faz*. Ao que parece, a grande dificuldade em compreender a questão do

que ainda não pensamos sobre educação e artes visuais, proposto ainda em 2021, busca entender em que medida o comum pode ser balizado enquanto *princípio político* em meio a estudos e práticas de Educação e Artes Visuais.



comum está em evitar caracterizá-lo como uma *coisa*, pois, antes de tudo, é um nome que damos a *relações*, e a dimensão do comum perde referência e potência de um *modo de vida comum* quando tornado propriedade (BIRD, 2016; DUSSEL, 1986).

Por fim, gostaria de ressaltar que um dos autores contemporâneos que me ajudou a enxergar a possibilidade de um *modo de vida desobediente* dentro dos parâmetros descritos acima foi Byung-Chul Han, especialmente nas obras *A sociedade do cansaço* e *O desaparecimento dos rituais*. Na primeira obra, o autor faz um diagnóstico atual e profundo sobre a sociedade contemporânea em geral, que tende a viver em um ambiente neoliberal de cansaço físico e mental extremos em nome de uma hiperprodutividade individualista (HAN, 2012). A contraposição ao ordenamento social contemporâneo, que é amplamente lastreado no sucesso individual, é um modo de ser que desobedece a tais ditames, que, pelo que aqui defendo, pode ser viabilizado por um modo mais comunal, de presencialidade, de formação de grupos e de *reunião de pessoas* sob uma perspectiva conjuntural. Nas palavras de Han (2020), isso aparece na dimensão dos *rituais*, que permitem que nos *demoremos no tempo*. Os rituais, sendo instâncias repetidas inúmeras vezes, permitem *habitar o tempo e o espaço*, possibilitando que se formem referências com relação às coisas, às pessoas, aos atos que realizamos de forma desacelerada e ativamente consciente.[5]

[5] Mesmo que não seja foco principal do texto, gostaria de exemplificar o ritual da cerimônia do chá japonês como forma de ritual repetitivo que exige presença e foco no agora entre pessoas pelas razões que se seguem: 1) o 茶道 [chadō], o *caminho do chá*, é uma arte milenar que é repetida inúmeras vezes até que quem realiza a cerimônia consiga realizá-la de forma quase meditativa; 2) o local onde ocorre o ritual do chá deve ser o mais simples possível, pois o que importa é a ação principal, o ato de fazer, servir e beber o chá; 3) apesar de haver uma ritualização repetitiva, cada encontro com o chá é único — seguindo a ideia de 一期一会 [ichi-go ichi-e], *uma vez, um encontro* ou *cada encontro é irrepetível* —, pois o chá muda, a temperatura da água e do ambiente é diferente, as pessoas mudam etc.; 4) tudo deve ser feito presencialmente, com calma, com o mínimo de interferências externas, pois o objetivo é estar *inteiramente presente* durante aquele momento (algo raro em nossa realidade hiperconectada); 5) não há erros propriamente ditos, pois há vários estilos de cerimônias, e cada pessoa vai formando e incutindo seu modo de fazer conforme se aprimora existencialmente (KEMPTON, 2018).



3 A DESOBEDIÊNCIA COMUNAL ENTRE FILOSOFIA, ARTE E EDUCAÇÃO

Para dar início a esta parte do texto, gostaria de contextualizar um pouco o conceito de *comum* a partir de suas raízes etimológicas. A vantagem de compreender a origem das palavras é que isso possibilita perceber de que modo a palavra era usada séculos atrás e que tipo de discurso social ela ajudou a formar com o passar do tempo. No grego clássico, pois, κοινός [koinós] significa *comum*, mas também *o que é compartilhado*. O comum, aqui, não é simplesmente o *ordinário*, mas o que é *comum a* ou *comum com* alguém. O que me é comum também pode ser κοινωνός [koinōnós] *um(a) companheiro(a)*, alguém que firma uma parceria, camarada e/ou cúmplice de alguma empreitada (LIDDELL; SCOTT, 1996). Comum também simboliza, aqui, ser *afável com os outros* e *estar disponível para escutá-los*, o que denota uma ideia de acolhida, alteridade e senso de altruísmo. Já do radical latino, temos *communis* como o equivalente do primeiro termo grego, porém, com um aspecto interessante de propriedade/posse, visto que também significa *o que pertence a dois ou mais seres*, com derivações de *communitas*, isto é, a *comunidade de experiências comuns*, e *communalis*, o elemento comunal pertencente à comunidade (GLARE, 2012).

Uma das principais autoras a abordar diretamente a questão da *filosofia do comum*, há mais de uma década, é Marina Garcés. Para a autora, a própria ideia de filosofia recorre à pluralidade de vozes ao longo do tempo que são acolhidas a partir de um *desejo comum pela verdade* (GARCÉS, 2015). Nesse sentido, há uma tendência a algo que nos une enquanto seres humanos pensantes e intérpretes da realidade. Assim, para Garcés (2013), a *vida em comum* é considerada um conjunto de *relações materiais e/ou simbólicas* que possibilitam a própria vida humana, e isso difere em muito das dicotomias *público/privado* e *universal/particular*, por exemplo. Pensar *a partir do comum* é não o considerar como destino final, mas como ponto de partida; é um pensamento que, de arrancada, compreende-se enquanto coimplicação.

Mas ao que se opõe a ideia de *comum*? Bom, assim como a ideia de desobediência aqui abordada, o comum é pensado como um modo de relação com o outro, com o tempo e com o espaço e os territórios nos quais vivemos. Nessa



visão, similar ao modo proposto por Heidegger (2012), que compreende uma forma de habitar a Terra de um modo mais poético e menos técnico — com mais cuidado e menos exploração —, o comum aponta para um *ser-no-mundo compartilhado*, distante do horizonte individualista e egocêntrico. Um *mundo comum*, pois, não implica uma fusão que apaga o eu plenamente em uma amálgama genérica; "Há [um] mundo comum onde o que não consigo ver envolve a presença do outro que não posso possuir" (GARCÉS, 2013, p. 114). Desse modo, comum não tem a ver com posse, propriedade, domínio, mas com *ser-com*, *coabitar* um espaço que se cria e define como coparticipativo e coexistencial.

É a partir disso que Escobar (2016) propõe pensar que as tramas do comunitário exibem um tipo de *relação humana coletiva* que se centra no comum e em formas de escapar das determinações próprias do capitalismo neoliberal. É por isso que há uma necessidade de se pensar o comum a partir de moldes não liberais e não capitalistas de relação, visto que o foco não é a propriedade e a relação de mercadoria. Trata-se de um *modo de ser* que parte de novas *ontologias* — isto é, novos valores pelos quais baseamos nosso modo de vida, de compreensão das coisas —, que, na América Latina, normalmente se alia aos movimentos de[s]coloniais. Isso é válido quando conseguimos conceber que o mundo não é *único*, mas *comum*, pois há muitas diversidades, formas de governo, sociedades e comunidades, e todos nós, humanos, em diferentes medidas, vivemos por meio e a partir do trabalho, do amor, da sobrevivência, que, em termos planetários e ambientais, é uma *condição comum* (GARCÉS, 2018).

No que tange especificamente às artes, vale destacar que há inúmeros projetos realizados há décadas em um eixo da *produção do comum*, que pode combinar *ativismo sociopolítico* e/ou elementos de inoperância frente aos modos de produção capitalista (GÓMEZ, 2021).[6] Toda forma de arte que não se destina

[6] Aliás, no que tange à ideia de inoperância, gostaria de destacar o filme suíço *Unrueh — Unrest* [en] ou *Agitação* [pt-BR] —, de Cyril Schäublin (2022), que retrata a realidade de um grupo de trabalhadores anarquistas em uma pequena cidade suíça produtora de relógios. A personagem principal, Josephine, trabalha, juntamente a outras mulheres, na instalação da mola de balanço ou regulador de movimento, um delicado mecanismo que funciona como o coração do relógio, fazendo com que ele movimente todas as demais pequenas engrenagens. No filme, a contraconduta das trabalhadoras é justamente competir quem consegue levar mais tempo instalando a peça, em uma competição para ver quem consegue sabotar mais a produtividade e o fluxo de vendas da fábrica. A



exclusivamente ao mercado, como produto a ser comercializado em larga escala pode ser considerada tanto um tipo de desobediência antimercado quanto uma possibilidade de *cocriação comum*. Quando comecei a realizar pequenas práticas poéticas como parte de minha pesquisa acerca da desobediência, minha intenção era promover atividades que fossem: a) presenciais, b) sem internet, c) com manualidades, d) em grupos e e) com públicos diversos. Dentre elas, destaco algumas ações que incluíram fazer uma espécie de performance de *cerimônia do café* em meio a uma abertura de exposição fotográfica da qual participei (inspirado na cerimônia japonesa do chá), preparar uma pequena sessão de RPG (jogo narrativo) em uma disciplina de Estágio, uma pequena intervenção urbana em placas, espalhando etiquetas autoadesivas (*sticker bomb*) feitas por mim e encontros de filosofia e vinho oferecidos ao público geral em um armazém local.[7]

De acordo com Donatella Di Cesare (2020), a filosofia deveria retornar à πόλις, à cidade que inspira suas problemáticas. Após um longo período em que a filosofia deixou de fazer parte da vida cotidiana das pessoas, eis que é convidada a *trazer a comunidade de volta à luz, despertá-la* (DI CESARE, 2020). *Despertar a comunidade* é a tarefa socrática de ser um *mosquito borrachudo*, que dá aquela agulhada conceitual e põe as pessoas a pensar sobre temas e questões existenciais e políticas relevantes. A prática filosófica, juntamente à arte, tem muito mais facilidade em se posicionar em lugares diferentes e causar estranhamentos e/ou promover mudanças de ideias ou atitudes, pois ensina e pelo *exemplo de vida*, e não pelo mero discurso.

Na tarefa de coabitar o mesmo planeta, temos uma condição existencial que é a de viver no mesmo planeta e, segundo estudos das últimas décadas, de tentar preservá-lo minimamente para *adiar o fim do mundo* no Antropoceno (KRENAK, 2019). Ao meu ver, um dos principais atores presentes na identificação de tal problemática global é a educação, que também pode ser o ambiente no qual seja possível pensar *formas de vida* que permitam uma coexistência mais harmoniosa.

desaceleração das operárias é uma forma anárquica de gerir o próprio tempo e de controlar a expropriação daquilo que produzem, das horas de vida perdidas em uma linha de produção.

[7] Para consultar algumas imagens e descrições mais pormenorizadas destas e de outras ações realizadas entre 2022 e 2023, na unidade da Uergs Montenegro, confira Kussler e Capra (2023).



Para Gadamer (2000), a educação é o ambiente no qual é possível ensaiar e compreender *diferentes visões de mundo*, visto que engloba não só o *conhecimento*, mas também o *cuidado* de nós mesmos para que seja possível cuidar *do outro*. Conhecendo nossos limites e pré-conceitos com relação às coisas e aos seres, abrimos espaço para que *o outro se pronuncie*, em meio a percalços, erros e dúvidas que fazem parte do processo formativo.

Aqui, gostaria de me voltar ao tema da arte como desdobramento do que chamo de *performance filosófica*. Se a filosofia tem o objetivo de *conduzir ao consenso*, não apenas em termos epistemológicos, mas também sociais, há, em sua raiz, uma preocupação também social e política, o que me permite pensar e propor tal noção de filosofia enquanto *ação sociopolítica por meio da arte* — que é o que expliquei de meu projeto alguns parágrafos acima. A proposta entende a necessidade de não se ater em tratar da arte contemporânea apenas por meios digitais, por isso o foco em atividades presenciais, em conjunto, com coletivos e grupos em uma mesma atividade comunitária em instalações urbanas e performances politizadas.[8] Associar arte à filosofia não é exatamente uma novidade, contudo, via de regra, a arte tende a ser apresentada como uma *forma de conhecimento menor*, pois opera de modo diferente da argumentação filosófica tradicional. Partindo de uma lógica não fundamentalista e/ou purista da filosofia, uma prática filosófica desobediente amplia metodologias, acolhendo elementos da [auto]etnografia, a/r/tografia, [auto]biografia, ocupações de espaços, instalações, performances, entre outras, pois compreende que também se produz conhecimento assim (IRWIN, 2013; LEAVY, 2015).

Ainda sobre a temática da educação, vale destacar que a atitude que engloba o *pensar* e o *agir* de modo desobediente e comunal desdobra-se enquanto crítica e postura existencial frente ao capitalismo neoliberal. Em primeiro lugar, a atitude desobediente comunal se contrapõe ao viés da economia neoliberal que se concentra no aspecto individual, em que cada ser humano é visto como uma

[8] Aqui, gostaria de destacar que há uma possível relação metodológica com a Pesquisa Baseada em Arte [*Arts-Based Research*], que amplia as pesquisas qualitativas e incluem a arte não como metáfora ou mediação para explicitar algo, mas enquanto *pesquisa* e parte dos resultados de uma investigação (BARONE; EISNER, 2012).



mônada indissolúvel, isto é, uma célula que não se comunica com outros seres humanos, que não precisa do auxílio do outro, e por isso mesmo não o reconhece. Em segundo lugar, enquanto o foco neoliberal é promover relações compartimentalizadas e egoístas, o foco do elemento comunal é oferecer condições para que formem *relações comuns não baseadas na posse e na propriedade*. Nesse sentido, uma educação que abrange tais elementos de *desaceleração existencial e produtiva*, *postura crítica diante do mundo* e *tessitura de vínculos de coabitação no mundo* pode ser uma boa alternativa para se repensar o mote da formação não só no âmbito das Artes, mas para além, visto que tangencia outros campos do saber.

A economia da atenção, conceito repaginado pelo advento da internet algorítmica e das redes [nem tão] sociais, mostra que, apesar de termos uma geração de informações quase ilimitada, nossa capacidade de prestar atenção e analisá-las é limitada (CARPENTIER, 2023). É por isso que as *big techs* começaram a investir pesado na captação do comportamento de usuários para direcionar conteúdos que, supostamente, atrairiam mais *tempo de tela*. A proposta de modo de ser desobediente, pois, possibilita não só reconhecer isso, mas retomar atividades presenciais e que não tenham a internet e suas ferramentas como exclusividade metodológica. Assim, ser desobediente sob uma perspectiva do comum é ter criticidade naquilo que aprendemos e no desdobramento dessa formação, em diferentes cursos, níveis e tipos de educação, possibilitando a capacidade filosófica presente dentro de cada pessoa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma era marcada pela obediência, pelo comportamento de autômato e de séquitos de *seguidores de influenciadores*, desobedecer é, por si só, um ato de resistência. Tendo em mente esse mote, no presente artigo, meu objetivo foi mostrar em que medida é possível repensar o conceito e as ações advindas do termo *desobediência* a fim de expor que há, também, um aspecto de contraconduta em desobedecer na contemporaneidade marcada por aquilo que diz a canção de Milton Nascimento: *fé cega, faca amolada*. Quanto mais se acredita dogmaticamente em



tendências de consumo e em rankeamentos enviesados de textos acadêmicos, por exemplo, menos se exerce a vontade e a criticidade próprias.

Nesse sentido, na primeira seção, busquei traçar um panorama mais teórico sobre autores(as) principais que abordaram a ideia de desobediência, incluindo Henry D. Thoreau e Michel Foucault, que tratam, respectivamente, da desobediência civil como resposta social baseada em brechas da lei contra valores políticos ineficientes e/ou imorais e da desobediência enquanto contraconduta à sociedade disciplinar. Feito isso, tentei mostrar em que medida a arte pode ser propulsora de atividades que mostram e possibilitam dizer e vivenciar a desobediência de forma mais ampla que o discurso filosófico. Em seguida, relacionei algumas hipóteses muito plausíveis de Byung-Chul Han, que fala que vivemos em uma sociedade do cansaço que adoece por conta de uma hiperprodutividade própria do capitalismo tardio atual, para propor minha hipótese de que *desobediências são desacelerações que unem pessoas*.

Na segunda seção, tentei realinhar a relação entre filosofia, arte e educação concentrando-me na descrição e análise de experiências comuns. Dentre os(as) principais autores aqui elencados, ressalto o trabalho de Marina Garcés, que propõe pensar o comum a partir de *relações interpessoais* ou de um princípio de que somos seres *coimplicados*, e Arturo Escobar, que aborda o design comunal na América Latina e em que medida tal molde, que parte do *sul global*, se fundamenta em princípios de[s]coloniais que se opõem à lógica individualista [neo]liberal. Dito isso, retomo algumas vivências que realizei em meados de 2022 e 2023, na Uergs, que convencionei chamar de *performances filosóficas*. A expectativa foi que, abordar tais ações, juntamente com as reflexões teóricas aqui propostas, poderiam contextualizar e aclarar *discussões outras* sobre o conceito de desobediência, além de auxiliar pesquisas vindouras sobre o tema.

Por fim, ressaltaria que, 1) em uma realidade que gradativamente se fortaleceu na cantilena [neo]liberal dos *indivíduos que fazem sucesso sozinhos*, de pessoas que não precisam de ajuda de ninguém, de gênios que resolverão o aquecimento global e a falta de recursos naturais com inteligência artificial e robôs inteligentes, desacelerar e readequar o tempo para refletir com mais calma e discutir



com outras pessoas é um grande ato de rebeldia, desobediência e sublevação. Outro aspecto é que, 2) a Filosofia só tem a ganhar quando pensa em problemáticas próprias do ensino e da área da Educação, mas, especialmente, como tentei destacar aqui, quando compreende que há outras formas de chegar a públicos diferentes por meio da linguagem artístico-poética. Por último, 3) é importante acreditar na potência das atividades coletivas como respostas inescapáveis à crescente automação educacional. Tal remotização educacional individualizada e altamente tecnológica deflagrada durante a pandemia de Covid-19 já se mostra defasada para a resolução de conflitos e problemas complexos da humanidade em outros países, que já voltaram a apostar em atividades educacionais com tecnologias tradicionais — restrição do uso de internet, smartphones e tablets — ao perceberem o estrago formativo ocorrido sobremaneira na última década e a necessidade de se construir alternativas afins ao *comum*.

Referências:

BARONE, T.; EISNER, E. W. *Arts Based Research*. Los Angeles: SAGE, 2012.

BIRD, G. *Containing community*: from political economy to ontology in Agamben, Esposito, and Nancy. Albany: State University of New York Press, 2016.

BRAMALL, S. Understanding philosophy in communities: the spaces, people, politics and philosophy of community philosophy. In: FULFORD, A.; LOCKROBIN, G.; SMITH, R. (eds.). *Philosophy and community*: theories, practices and possibilities. London; New York: Bloomsbury Academic, 2020. p. 3-14.

CADOGAN, L. Ayvu Rapyta: textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. *Revista de Antropologia*, v. 1, n. 1, p. 35-42, 1953. Disponível em: https://core.ac.uk/reader/268284800. Acesso em: 30 jan. 2024.

CAPRA, C. L. Artes visuais e educação em associações vinculantes na formação docente. In: LOPONTE, L. G.; MOSSI, C. P. (eds.). *Arteversa*: arte, docência e outras invenções. São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. p. 73-89.

CARPENTIER, C. L. New economics for sustainable development: attention economy. *United Nations Economist Network*, 2023.

DI CESARE, D. It is time for philosophy to return to the city. *Journal of Continental Philosophy*, v. 1, n. 2, p. 201-216, 2020. Disponível em:



https://www.pdcnet.org/jcp/content/jcp_2020_0001_0002_0201_0216. Acesso em: jan. 2024.

DUSSEL, E. *Ética comunitária*: liberta o pobre! Petrópolis: Vozes, 1986.

ESCOBAR, A. *Autonomía y diseño*: la realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca, 2016.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Segurança, território, população*: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

_____. *Nascimento da biopolítica*: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FULFORD, A. Philosophy, dialogue and the creation of community. In: FULFORD, A.; LOCKROBIN, G.; SMITH, R. (eds.). *Philosophy and community*: theories, practices and possibilities. London; New York: Bloomsbury Academic, 2020. p. 91-102.

GADAMER, H.-G. *La educación es educarse*. Barcelona: Paidós, 2000.

GARCÉS, M. *Un mundo común*. Barcelona: Bellaterra, 2013.

_____. *Filosofía inacabada*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2015.

_____. *Ciudad princesa*. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2018.

GLARE, P. G. W. (ed.). *Oxford Latin dictionary*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

GÓMEZ, F. DE P. El arte comunitario maya-zapatista como práctica compleja transdimensional desde la aesthesis decolonial. In: BOELCKE, N. A. A.; SUSUNAGA, O. F.; RABADÁN, A. O. (eds.). *Lo estético en el arte, el diseño y la vida cotidiana*. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2021. p. 277-298.

GROS, F. *Desobedecer*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

HAN, B.-C. *La sociedad del cansacio*. Barcelona: Herder, 2012.

_____. *La desaparición de los rituales*: una topología del presente. Barcelona: Herder, 2020.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. In: *Ensaios e conferências*. 8. ed. Petrópolis; Bragança Paulista: Vozes; Editora Universitária São Francisco, 2012. p. 125-141.



HESIOD. *Theogony, Works and Days, Testimonia*. Cambridge; London: Harvard University Press, 2006.

IRWIN, R. L. Becoming A/r/tography. *Studies in Art Education*, v. 54, n. 3, p. 198-215, 2013. Disponível em: https://eric.ed.gov/?id=EJ1039365. Acesso em: 30 jan. 2024.

KEMPTON, B. *Wabi Sabi*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUSSLER, L. M. Arquitetura hostil e hermenêutica ética. *Geograficidade*, v. 11, p. 16-25, 2021. Disponível em: https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/29463/29564. Acesso em: 30 jan. 2024.

KUSSLER, L. M.; CAPRA, C. L. Filosofia e educação em práticas poéticas desobedientes no obedienceno. *Revista Apotheke*, v. 9, n. 3, p. 50-74, 2023. Disponível em: https://revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/23891/16581. Acesso em: 30 jan. 2024.

KUSSLER, L. M.; PINTO, E. D. L. Antígona: entre o direito natural e o direito positivado. *Revista Diálogos do Direito*, v. 5, n. 8, p. 59-73, 2015. Disponível em: https://ojs.cesuca.edu.br/index.php/dialogosdodireito/article/view/866. Acesso em: 30 jan. 2024.

LEAVY, P. *Method meets art*: arts-based research practice. 2. ed. New York; London: The Guilford Press, 2015.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. 9. ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

MURPHY, J. W. *Community-based interventions*: philosophy and action. New York: Springer New York, 2014.

SÓFOCLES. *Antígona*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

STERN, J. *A philosophy of schooling*: care and curiosity in community. Cham; London: Springer International Publishing; Palgrave Macmillan, 2018.

THOREAU, H. D. *Walden and Civil Disobedience*. New York: Norton & Company Inc., 1966.

REVISTA DA FUNDARTE
REVISTA 60
DOSSIÊ ARTES, COMUNIDADES E EDUCAÇÃO
ANO 24
NÚMERO 60
AGOSTO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



Leonardo Marques Kussler
Graduado em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (2012), Mestre em Filosofia (UNISINOS, Prosup/Capes, 2012-2014), Doutor em Filosofia (UNISINOS, Prosuc/Capes, 2014-2018), com estágio pós-doutoral (2019-2020) pela mesma instituição. Foi Pesquisador Visitante DCR FAPEPI/CNPq (2019-2021) na UFPI, onde desenvolveu outro projeto de pós-doutorado. Atualmente, realiza estágio pós-doutoral no PPGED da UERGS, unidades Osório (Educação) e Montenegro (Artes), 2022-2023. É revisor, consultor de língua portuguesa e tradutor (inglês) de periódicos e livros há mais de uma década, com ênfase em textos acadêmicos. Filiado ao GT Filosofia Hermenêutica (ANPOF) e membro da Hans-Georg Gadamer Research Society of Japan (ガダマー研究会). As áreas específicas contempladas em sua pesquisa, atualmente, são: Platão, Gadamer, Filosofia como modo de vida, Foucault, Ética, Filosofia Oriental (Escola de Kyoto), RPG (Role-Playing Game), Educação, Política, Arte e Design.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-8876-8211
E-mail: leonardo.kussler@gmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 30 de janeiro de 2024
Aceito em 17 de abril de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
Editores Convidados: Carmen Lúcia Capra (PPGED da UERGS) e
Leonardo Marques Kussler (PPGED da UERGS)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/